

# AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Todo homem que seja homem de verdade, deve aprender a ficar só no meio de todos, a pensar, só, por todos e, caso preciso, contra todos. Pensar sinceramente, mesmo que seja contra todos, ainda é pensar por todos.

Romain Rolland

ANO II

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 1 de maio de 1947

N.º 34

## Quando o Fascismo chegou

P. FERREIRA DA SILVA

Florescia em Portugal a propaganda libertária, bem apoiada num movimento operário consciente, de diretrizes anarco-sindicalistas, quando o fascismo chegou e quebrou, com suas mãos negras, uma das lâmpadas mais rutilantes da ideologia anarquista. Naquele movimento internacional da reação de que foram instrumento Primo de Rivera, Mussolini e Hitler, se os libertários portugueses não tiveram seus livros queimados como em outros países, na praça pública, em bárbaros espetáculos de sadismo destruidor, viram desfeita, por beleguins açulados, a tenda mística pura e altiva dos ideais, humilde, rude e modesta oficina gráfica de onde se espalhava generosamente a palavra alentadora e esperançosa de tantos apóstolos da Anarquia.

«A Comuna» podia ser considerada como o símbolo da perfeição, da cooperação e da organização anarquista. Não devia nada a auxílios estrangeiros.

Era um semanário mantido, escrito, composto e impresso por anarquistas.

Tinha no Porto a sua oficina, a sala de redação própria. Em mangas de camisa ou em blusa de trabalho, ali se recebiam os mais notáveis apóstolos da idéia Universal. E o jornal saía, todas as semanas, bem feito, harmonioso em seus títulos e colunas, harmonioso em seus artigos e na essência das suas doutrinas. Era assim esse jornal que os fascistas destruíram materialmente, quando o golpe militarista de 1926 deu início Portugal ao reinado tenebroso do fascismo.

Mas não se diga que houve interrupção na obra esclarecedora dos espíritos obreiros. Nada mais conseguiram os reacionários do que retardar, talvez, um pouco a marcha para o futuro. Agora todos os elementos da propaganda re-

correm á ação da imprensa clandestina. E ela é, em Portugal, por certo a mais numerosa, a de mais intensa repercussão, se levamos em conta o âmbito territorial de cada país da Europa submetido aos processos repressivos das autoridades fascistas.

O povo português revela assim a sua inadaptabilidade aos regimes opressores. Melhor dizendo, confirma-a depois de muitos outros episódios da história política, mesmo que não queiramos ir mais longe do que ao período republicano.

Se, em 1919, os monarquistas, animados pelo descalabro e pela desorientação das esferas governamentais, conseguiram restaurar por alguns dias, na capital do Norte, um reinado sem rei, dando largas ao seu ódio nas torturas do Eden-Teatro, pequena amostra antecipada dos pro-

cessos fascistas, não puderam contar com o apoio e a simpatia das classes obreiras, logo agitadas na ânsia de esmagar a víbora reacionária. Já se articulavam as forças populares, e um opé-

rário de construção civil, o militante sindicalista Moreira Neves, morador num pequeno quarto do estratégico Alto da Lapa; tinha uma chave do portão dos fundos do quartel de infantaria 18, para dirigir o assalto aos depósitos de munições com que se havia de armar o povo para escorregar de uma vez os remanescentes da monarquia.

Não chegou a ser necessário, porque a guarnição militar do Porto se antecipou e liquidou a fugaz tentativa de restauração. O movimento militarista de 1926 encontrou, porém, o povo enojado dos políticos republicanos e das suas repetidas trapanças. Assim, a mesma multidão que no Porto recebera pouco antes a visita do presidente Teixeira Gomes sem aplausos e numa indiferença chocante, assistiu à marcha das tropas de Gomes da Costa com a mesma frieza. Não participou do movimento nem lhe resistiu nas suas fases primeiras. Mas depressa percebeu a realidade, e toda a simpatia da população portuense estava com os revolucionários, embora, estes fossem os mesmos políticos de antes, na primeira

## A individualidade consciente

Sempre que a liberdade política executa sua tarefa, produzirá a vontade individual, consciente.

A percepção da injustiça social deveria transformar a volição política em atos revolucionários. Mas, os adeptos da liberdade política vivem num profundo erro; na realidade, lutam pela própria escravidão. A história provou que a tal liberdade política, utopia, se converteu em demagogia e ditadura.

A finalidade dos nossos esforços não há de ser a liberdade política, o parlamento ou o Estado livre, mas a auto-atividade de cada indivíduo, isto é a *Anarquia*. A Anarquia é, a filosofia suprema da liberdade. Os anarquistas lutam por uma causa da humanidade. Nossa peleja atual é contra os deformadores do espírito humano, isto é, contra o Estado e seus mistificadores, contra a Igreja totalitária e seus espertalhões.

Nossa primeira tarefa não é conseguir outra cultura senão criar outra moral. E' claro que não nos desacuidaremos da cultura;

e mais seria tentativa de resistência à implantação da ditadura fascista, que, durante sete dias, fez do Porto, cercado e bombardeado, um reduto de novas esperanças de liberdade.

Entretanto, o fascismo tinha chegado e implantava em Portugal o seu domínio trevoso, para o qual a reação, deixando de lado um general, iria buscar o ditador civil de maior duração na política européia. Destruíram então «A Comuna». Foi a sua estréia de vândalos.

mas, lógico é que, livrando-se o indivíduo da moral do Estado e da religião, compreendendo que os dois formam a invisível corrente da sua miséria, automaticamente se esforçará por eliminar as restantes causas da sua escravidão. O homem livre liberta-se consciente e constantemente de tudo quanto o incomoda.

Ao contrário, o indivíduo que aspira só à liberdade política, acomoda-se, como escravo inconsciente, às circunstâncias, e fica, *cidadão submisso*, convicto de ser livre.

São tais homens produto da educação do Estado e da Igreja; porque, da escola sai a juventude mais ou menos educada, porém nunca instruída sobre o ideal da humanidade, a saber, a liberdade individual.

Cubiças, avidez de emprego, servilismos tanto decorrem da educação vigente comum quanto da educação da escola, pois o ensino em nossas escolas nenhuma influência tem na ânsia da liberdade consciente. Daí ser totalmente esquecido quando não é necessário para a vida.

Tudo isso porque o Estado não tem o mínimo interesse de criar homens livres de sentimento. Trata o aluno como criatura sua, por ele e para ele adestrado.

Mas, a liberdade consiste na manifestação de cada um. Ela é a condição indispensável para que cada qual se descubra, se liberte de tudo o que lhe é alheio, se safe de toda autoridade deformadora e atinja a própria nobreza.

A escola do Estado não

fornece tois homens verdadeiros. Quando alguns aparecem, tudo se deve a um processo, de *autolibertação*. Se somos livres não é por mérito da escola. O Estado, com efeito, não pode permitir que se desenvolva uma pedagogia livre, exatamente como, só de má vontade, permite qualquer oposição. Só lhe apraz submissão rasteira, como a de alunos abrílicos para mes, tres autoritários. Por isso, da escola saem muitos eruditos e muitos mais súditos de alma algemada.

A escola reprime o instinto natural do aluno, reprimindo-lhe assim o desenvolvimento científico em preparação à vontade livre. O resultado disso é a burguesia.

Os raios de toda a educação devem-se encontrar num centro a que chamamos *personalidade* ou *individualidade consciente*. O saber deve promanar da educação voltada livre e não como simples liberdade política.

Sua tarefa é acender o fanal da liberdade e empregar meios e forças correspondentes para instaurar a vida livre. Não excluímos o caso de atijar a vontade consciente uma revolução social, mas, antes de se tornar a liberdade liberdade de ação, deve o indivíduo ter sofrido em sua mentalidade tal transformação, que se livre de fantasmas, santos e profetas falsos, vampiros da sua ignorância.

Porque não podem os partidários da mera liberdade política atingir seus fins? Porque não possuem individualidade consciente.

São escravos inconscientes das leis do Estado, dos estatutos do partido ou dos dogmas da Igreja.

Por isso mesmo, nunca podem deixar de ser *súditos leais*. Não podem querer a liberdade consciente. Que não sucederia se realmente quisessem a liberdade com a energia da vontade livre!!!

Em vez disso, renunciam sua individualidade e fazem um *abaixo assinado*.

Disso resulta que só uma vontade impera no meio social, a vontade de um fantasma, a do Estado. Se tal vontade é razoável, ou não, pouco importa ao partidário da liberdade política.

Qual o culpado de tudo

(Continua na 4ª pag.)



Enforcados segundo as leis do Estado. Serão eles, realmente, os mais merecedores de tal pena?

**A Plebe em S. Paulo**

Sairá hoje, 1.º de Maio

## Filosofia e Anarquismo

Edgar Rodrigues

No número 58 de «Terra y Libertad» — jornal que editam nossos companheiros de México —, publicaram do camarada B. Cano Ruiz um artigo intitulado *El Determinismo y las Ideas Acratas*, no qual mantém o caráter materialista e determinista (positivista, diria eu) da filosofia anarquista.

No número seguinte do mesmo jornal, o companheiro José Prego rebate categoricamente tal afirmação, qualificando de «espiritualismo puro» a fundamentação filosófica das doutrinas ácratas. E fica assim travada, retravada — pois a discussão não é nova — a polémica interminável entre os defensores das duas concepções: a voluntarista e idealista, por um lado, e a materialista determinista por outro.

Não é para defender nenhuma das teses que intervenho na discussão. Partidário de uma delas — é por acaso possível a neutralidade ideológica? —, não me interessa agora apoiá-la com argumentos nem atacar a oposta. Minha intenção é outra: simplesmente, creio que o problema tem sido mal formulado e não pode ter, em consequência, uma solução razoável e lógica. Veremos porque.

mo é materialista ou idealista (lembre-se que emprego este termo unicamente no sentido filosófico), é limitar-se a diminuir as doutrinas ácratas e atirar fora de nossos círculos, ideologicamente, os que professam a idéia contrária. Quer dizer, equivale a criar uma espécie de dogma, de bíblia revolucionária, de filosofia oficial «do anarquismo»; e é isto o que nego: a legitimidade de tal oficialização filosófica, que nos obrigaria à *ex-comunhão* da parte contrária.

Que é o que pretendo então? Muito simples: o anarquismo — assim em abstrato, genericamente — não é materialista, nem idealista, nem voluntarista, nem positivista. O anarquismo não encerra em si uma tese metafísica propriamente dita, em oposição, por exemplo, ao marxismo, cujo fundamento metafísico exclusivo é o materialismo dialético; ao contrário, cabem nele as mais diversas concepções filosóficas, desde o materialismo mantido pelos companheiros da Internacional, até o voluntarismo de Malatesta, passando pelo individualismo de Armand, o misticismo de Tolstoi, o romanticismo de Barrett e o idealismo apostólico de

Prevejo vossa objeção; dir-me-eis que ideal ácrata se debilita, perde concreção e força, desde que não assente em determinada interpretação filosófica. Não o creio assim; ao contrário, o fato de faltarem ao anarquismo uma metafísica exclusiva e absoluta contribui para engrandecê-lo, evitar a limitação ideológica, o sectarismo filosófico, o absolutismo retrógrado de uma metafísica dogmática.

Não é a marca nem materialista, nem idealista, não procurem os companheiros Cano Ruiz e Prego fundar a metafísica ácrata; são vãos e absurdos seus intentos; poderão criar filosofias anarquistas — que já existem, e são muitas —, porém jamais a filosofia anarquista.

Terminem, repito, com as limitações filosóficas. Sustentemos individualmente uma metafísica, adotemos uma posição pessoal ante esses problemas, porém nunca pretendendo erigi-los em *doutrina verdadeiramente anárquica*.

A única metafísica das idéias ácratas é a liberdade.

Propaguem

Ação Direta

## CASTRO ALVES

O poeta revolucionário

O Brasil festeja o centenário do nascimento de Antônio Castro Alves, o genial poeta da abolição!

Sua índole rebelde naquele tempo de monarquia, marqueses e barões, Igreja oficializada e o mais foi muito além do simples abolicionista.

Eis algumas estrofes da sua poesia *Confidencia*, do poema *Os Escravos*:

Sim!... quando vejo, ó Deus, que o sacerdote  
As espáduas fustiga com o chicote

Ao cativo infeliz;  
Que o pescador das almas já se esquece  
Das santas pescarias e adornece

Junto da meretriz...  
Que o apóstolo, o simpliceromeiro,  
Sem bolsa, sem sandálias nem dinheiro,

Pobre como Jesus  
Que mendigava outrora à caridade,  
Pagando o pão com o pão da eternidade,

Pagando o amor com a luz,  
Agora adota a escravidão por filha  
Amolando nas páginas da Bíblia

O cutelo do algoz...  
Sinto não ter um raio em cada verso  
Para escrever na frente do perverso:

«Maldição sobre vós!»  
Maldição sobre vós, tribuno falso!  
Rei que julgais que o negro cadafalso

E' dos troncos, irmão!  
Bardo que a lira prostituís na orgia  
— Eunuco incensador da tirania —

Sobre ti maldição!  
Maldição sobre ti, rico devasso,  
Que da música ao lânguido compasso,

Embriagado, não vês  
A criança faminta que, na rua,  
Abraça uma mulher pálida e nua,

Abraça uma mulher pálida e nua,  
Abraça uma mulher pálida e nua,  
Abraça uma mulher pálida e nua,

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

(Conclusão do n.º anterior)

O primeiro congresso regional efetuou-se aos 23 de janeiro deste ano no primeiro acampamento insurreccional, na Grande Mikhailovka. Compunha-se de delegados dos distritos situados perto da frente. As tropas soviéticas achavam-se então longe, muito longe. A região estava separada do mundo inteiro, de um lado pelos denikinianos, do outro, pelos petliurianos. Nesse tempo só os destacamentos insurreccionais, com Pai Makhnó e Stchuss à frente, aplicavam, a uns e a outros, rijos golpes. As organizações e instituições sociais nos burgos e aldeias nem sempre tinham os mesmos nomes. Em tal burgo, era um *soviet*; em outro, uma *Regência Popular*; num terceiro, um *Estado Maior Revolucionário Militar*; num quarto, uma *Regência Provincial*, etc.; mas o espírito era, em toda a parte, igualmente revolucionário.

Para consolidar a frente e criar certa uniformidade de organização e ação numa região inteira, fez-se o primeiro Congresso.

Ninguém o convocara. Reuniu-se espontaneamente, conforme o desejo e aprovação dos habitantes. No congresso, houve proposta de arrancar do exército petliuriano nossos irmãos mobilizados à força. Para isso, uma delegação composta de cinco pessoas foi eleita com missão de passar pelo estado maior de Pai Makhnó e outros onde fosse mister e penetrar até no exército do diretório ucraniano (do nome de Petliura) para anunciar a nossos irmãos mobilizados que foram enganados e que lhes cumpria deixar esse exército. Além disso, foi a delegação encarregada de convocar, de volta, um segundo

congresso mais vasto, com o fim de organizar toda a região libertada dos bandos contrarrevolucionários e criar uma frente mais poderosa de defesa. Os delegados convocaram, pois, de volta, esse segundo Congresso regional fora de qualquer partido, de todo poder, de toda lei; porque você, camarada Dybenko, e outros amadores e guardas da lei da mesma espécie, estavam então bem longe e, visto não aspirarem os guias heroicos do movimento insurreccional ao poder sobre o povo que acabava de romper com suas mãos as cadeias da escravidão, o Congresso não foi proclamado contrarrevolucionário nem os que o haviam convocado foram declarados fora da lei.

Volvamos ao Conselho Regional. Precisamente ao criar-se o Conselho Revolucionário Militar da região de Gulai-Pole, apareceu na região o poder soviético.

Conforme a resolução votada no segundo Congresso, o Conselho Regional não deixou em suspenso os negócios com a presença das autoridades soviéticas.

Tinha de executar sem desvio as instruções do Congresso. O Conselho não era órgão ordenante, mas executivo. Continuou a atuar na medida de suas forças e seguia sempre, em sua obra, a senda revolucionária. Pouco a pouco, o poder soviético começou a erguer obstáculos à atividade do Conselho: os comissários e outros altos funcionários do governo dos soviets puseram-se a considerar o Conselho; como organização contrarrevolucionária.

Foi então que os membros do Conselho decidiram convocar o terceiro Congresso Regional para 10 de abril, em Gulai Pole, afim

de assentar a linha de ação ulterior do Conselho ou então para dissolvê-lo e o Congresso achasse necessário. E, assim, reuniu-se o Congresso.

Não acorreram a êle contrarrevolucionários, senão os primeiros que, na Ucrânia, levantaram o estandarte da insurreição, o estandarte da revolução social. Acorreram para ajudar a coordenar-se a luta geral contra todos os opressores.

Os representantes de diversos distritos e governos assim como de várias unidades militares renderam ao Congresso e todos opinaram ser necessário o Conselho Revolucionário Militar da região de Gulai Pole; completaram-lhe até seu Comitê Executivo e encarregaram este último de proceder na região a uma mobilização voluntária e igualitária. O Congresso ficou estupefacto com o telegrama do camarada Dybenko que declara *contrarrevolucionário* o Congresso, quando foi esta região a que primeiro ergueu o lábaro revolucionário. Eis porque o Congresso votou formal protesto contra o telegrama.

Tal o quadro que nos deveria abrir os olhos, camarada Dybenko, Considerai! Refleti! Tereis o direito, sozinho, de declarar contrarrevolucionária uma população de um milhão de trabalhadores que, por si, quebrou, com suas mãos calosas, os grilhões da escravidão e constrói, agora, sua própria vida, a seu modo?

Não! se sois realmente revolucionário, deveis vir ajudá-la em sua luta contra os opressores e em sua obra de construção de uma vida nova, livre!

Pode haver leis, feitas por certas pessoas intituladas revolucionárias, que lhes permita por

todo um povo, mais revolucionário que elas, fora da lei? (Por que o Comitê Executivo representa toda a massa do povo).

Será lícito, será razoável vir estabelecer leis de violência destinadas a subjugar um povo que acaba de derrubar todos os legistas e todas as leis?

Existirá uma lei segundo a qual um revolucionário tenha o direito de aplicar penas as mais rigorosas à massa revolucionária de que se diz defensor pelo simples fato de que essa massa tomou, sem lhe requerer licença, os bens que esse revolucionário lhe prometera; liberdade e igualdade?

Poderá o povo revolucionário calar-se quando o revolucionário lhe tira a liberdade que acaba de conquistar?

Ordenarão as leis da revolução fuzilar um delegado por crer que deve exercer o mandato conferido pela massa revolucionária que o elegeu?

Que interesses deve um revolucionário defender? os do partido ou os do povo que, com seu sangue, leva adiante a revolução?

O Conselho Revolucionário Militar da região de Gulai-Pole se mantém fora da dependência e da influência dos partidos; só reconhece o povo que o elegeu. Seu dever é cumprir o de que o incumbiu o povo e não erguer obstáculo a nenhum partido socialista da esquerda na propaganda de suas idéias. Por isso, se a idéia bolchevista um dia tiver êxito entre os trabalhadores, o Conselho Revolucionário Militar — essa organização manifestamente contrarrevolucionária, no dizer dos bolchevistas — será substituído por outra organização

mais revolucionária e bolchevista. Enquanto não, não nos estorveis, nem tenteis sufocar-nos.

Se continuardes, camarada Lybenko, vós e vossos semelhantes a seguir a mesma política de antes, se o supondes boa e conscienciosa, levar a cabo vossas sujeirinhas, ponde fora da lei todos os iniciadores de congressos regionais e também os dos convocados quando vós e vosso partido estáveis em Kursk. Proclamai contrarrevolucionários todos os que, primeiro, levantaram o estandarte da insurreição, da revolução social na Ucrânia e atuaram por toda a parte sem aguardar permissão vossa, sem seguir vosso programa à risca, quebrando mais à esquerda. Ponde fora da lei os que enviaram delegados aos congressos declarados por vós contrarrevolucionários. Proclamai por fim fora da lei todos os combatentes desaparecidos, que sem vossa vênua, aderiram ao movimento insurreccional de libertação de todo o povo trabalhador. Proclamai sempre ilegais e contrarrevolucionários todos os Congressos reunidos sem vosso placet... Sabei, porém, que a verdade acaba por vencer a força. O conselho não se desfará, mau grado vossas ameaças, dos deveres de que se incumbiu porque não tem direito de fazer, nem o de usurpar os direitos do povo.

Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Pole.  
Presidente: Tchenoknijny;  
Vice presidente: Kogane, Secretário: Kardbele; Membros do Conselho: Koval, Petrenko, Dotzenko e outros.

Concluimos. Iniciou-se, assim, a tremenda luta de Makhnó contra a reação bolchevista. Termina

(Continua na 4ª pag.)

# Para a Anarquia só se pode ir por caminhos anárquicos

E. LATERARO

## Por um sindicalismo revolucionário

Por um lamentável erro de composição, no artigo anterior, com esse mesmo título, em lugar de "os sindicatos de ofícios vários deve antepor-se a todos os partidos que acabar com a dor e a miséria em que vivemos, leia-se: "o sindicato de ofícios vários deve antepor-se a todos os partidos políticos, que infiltrando-se nos meios operários, prometem o que jamais pensam realizar, que é combater a dor e a miséria em que vivemos."

Em artigo anterior prometemos tratar dos direitos e deveres dos Sindicatos dentro das Federações. Começaremos pelo indivíduo. Assim daremos uma idéia geral de como devem ser organizados os Sindicatos.

Ao ingressar no Sindicato, compromete-se o trabalhador a cumprir os Estatutos e resoluções do mesmo, o que não o impede de poder propor, nas assembleias, modificações das resoluções e dos Estatutos que podem ser parciais ou totais. Essa liberdade de exposição deve ser inviolável, para que a organização não seja um freio à evolução progressiva das idéias, mantendo o indivíduo sua liberdade de opinião dentro do organismo a que pertence, comprometendo-se entretanto a velar pelo fiel cumprimento das resoluções que forem aprovadas nas assembleias.

Assim como o indivíduo, os Sindicatos, dentro das Federações, tem sua autonomia nos contratos ou convênios com os patrões e em todos aqueles assuntos internos e externos, que não firam a liberdade e autonomia dos demais Sindicatos federados. De envolvendo-se dentro desse princípio, os sindicatos ganham em agilidade revolucionária. Têm ainda os Sindicatos o direito de aceitar ou excluir qualquer associado; porém, as resoluções, quaisquer que sejam, só poderão ser tomadas nas assembleias e, em nenhum caso, pelas comissões.

Os conselhos, quer sejam comarcais ou regionais, não poderão aceitar ou excluir nenhum associado, pois essa é uma incumbência do Sindicato a cujo ofício pertença o trabalhador.

Fezemos essa ressalva, porque, nas organizações centralistas, os chamados corpos diretivos têm por norma tomar medidas disciplinares sem consultar o organismo a que pertence o trabalhador. E, por motivos muitas vezes inconfessáveis, incluem ou excluem operários de qualificada ou inqualificada reputação.

Delineados, ainda que em forma sintética, os direitos dos indivíduos nos Sindicatos, vejamos quais são seus deveres. Como dissemos acima, os associados têm o dever de cumprir e velar pelo fiel cumprimento das resoluções aprovadas nas assembleias. Os Sindicatos que pertençam a uma Federação de ofícios têm o dever de serem solidários com os demais Sindicatos, sempre que estes o solicitem, e ainda nos casos em que um determinado organismo não o solicite; porém, quando os componentes dos demais Sindicatos criam que com sua intervenção solidária, poderão facilitar o desenlace favorável de qualquer conflito, devem fazê-lo. Além da solidariedade espontânea que é o maior exemplo de união das organizações operárias, existem aqueles assuntos que não podem ser resolvidos por um determinado Sindicato ou Federação, mas que requer o concurso de todos os Sindicatos, quer no plano local ou regional; para isso, estão os conselhos que, depois de consultar os organismos que representam, agem de acordo com as resoluções emanadas dos mesmos; em tais casos desaparece a autonomia dos Sindicatos e Federações locais para congregarem-se todos dentro de uma só corrente que deve atuar em comum para alcançar o objetivo visado.

Outro dos deveres dos Sindicatos é o de apoiar toda iniciativa de seus associados, com tendência a melhorar as condições econômicas ou qualquer outra de caráter moral; têm ainda o dever de rechaçar qualquer tentativa de intromissão, em suas iniciativas ou propósitos, por parte dos funcionários do Estado ou de políticos, qualquer que seja o partido a que pertençam, mantendo dessa maneira sua independência contra todas as correntes autoritárias.

Quetzal

## LIVROS NOSSOS

Rodolf Rocker — AS IDÉIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO . . . . Cr\$ 15,00

acaba de sair em tradução portuguesa. Coleção: *Perspectivas* das Edições Sagitário

Pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro ou ao *Centro de Estudos Sociais* de S. Paulo. Caixa postal 5739.

## FLORENTINO DE CARVALHO

Há dias eu conversava com o Gil e o Edgar a propósito do interesse que as conferências realizadas no Centro de Cultura Social vêm despertando. Trocávamos idéias sobre certas perguntas ou objeções que nos faziam, quando essas conferências giram em torno das doutrinas anarquistas, objeções estas que consistem em nos perguntar como se resolveriam tais e tais coisas dentro de uma sociedade anárquica, e então o Gil se lembrou de como Florentino de Carvalho se saía airoso de tais dificuldades. Nesse momento lembrei-me de perguntar pelo Florentino, mas não o fiz, certo de que a resposta seria a mesma que outras pessoas já me haviam dado: não sei, não se sabe. Mas, no dia seguinte, soube que o nosso caro camarada havia sido enterrado quatro dias antes. Sim, Florentino de Carvalho, um dos elementos mais cultos das idéias anarquistas, faleceu.

Na sua obra, A MONTANHA, o nosso grande e inolvidável Reclus, começa o primeiro capítulo com estes dizeres:

«Encontrava-me triste, abatido, cansado da vida; o destino me havia tratado com dureza, arrebatando-me seres queridos, frustrando meus projetos, aniquilando minhas esperanças: homens a quem chamava amigos tinham-se voltado contra mim ao ver-me lutar contra a desgraça; toda a humanidade, com o combate de seus interesses e suas paixões desencadeadas, me causava horror. Queria escapar-me a todo custo, já para morrer, já para recobrar minhas forças e a tranquilidade do meu espírito na solidão.»

Dadas as circunstâncias de tempo e espaço e, até certo ponto, de ambiente, creio que também Florentino de Carvalho terá passado, mais ou menos, por semelhantes transees. Reclus, que por certo não era nietzscheano, em dado momento de sua existência sentiu a invencível necessidade de se refugiar na montanha, premido por um angustiante estado de ânimo. De lá não voltou dançarino, como o Zaratustra porém mais ábio, dando-nos mais uma de suas excelentes obras. Florentino de Carvalho refugiava-se, de vez em quando, por esse interior afora, por onde ficava alguns anos, e às vezes só sabíamos por onde andara, depois que voltava. Sabíamos, no entanto, que, ora aqui, ora ali, ele por lá andou semeando as suas escolinhas. E, quando regressava, tinha sempre, para os que gozavam de sua intimidade, episódios que narrar, ricos de emoção, em seu contato com a vida.

Florentino de Carvalho tinha grande pendor para a pedagogia, que conhecia a fundo. Seu método de ensino foi, dentro do possível, o da Escola Moderna, de Francisco Ferrer, até hoje incontestavelmente o melhor.

Não me lembro bem quando vim a conhecer Florentino de Carvalho, mas creio que foi ali por 1917, através dos comícios em praça pública e das suas conferências. Desde logo me senti atraído pelos seus dotes de orador, pela sua eloquência e seus recursos intelectuais. E, quando dele me lembro, logo se me representa na memória, através da tribuna, aquela sua figura flamejante e às vezes dramática. Sua cabeça de cabelos espessos e olhos fulgurantes quando no auge da eloquência, fazia-me lembrar, de certo modo, a de Nietzsche.

Desde muito tempo tinha uma existência muito penosa. Muitos camaradas sabem melhor do que eu da sua odisséia através das prisões, o que lhe arruinou, para sempre, a saúde. Era vítima, há muitos anos, de uma gastrite que jamais conseguiu curar. Quem o visse em 1924, como eu o vi, fraquíssimo e alimentando-se como um passarinho não pensaria que subsistisse até agora. E do seu permanente estado de saúde precária, advinham-lhe insuportáveis dores de cabeça e depressões nervosas que lhe causavam longas horas de angústia e abatimento moral. Por isso eu não sei onde é que ele ia arranjar energia para a elaboração dos seus trabalhos intelectuais, sobretudo para as suas conferências, por vezes longas mas sempre interessantes e cheias de ensinamentos. Só a grande paixão que nutria pelas suas idéias lhe poderia dar estímulo para tanto.

Florentino de Carvalho foi um caráter impoluto e de uma inteireza de princípio: a toda prova. Foi um dos primeiros que nos apontou o perigo bolchevista

quando ê-te apareceu na revolução russa, prevendo que se daria o que de fato se deu e que aí está. Nunca manteve a menor ilusão sobre acordos com qualquer corrente de socialismo autoritário, nem mesmo com os chamados trotskistas, que se consideram, dizia ele, nossos primos mais próximos. Um amálgama entre o socialismo libertário e o autoritário é tão impossível como o do azeite e a água. Por muito que se agite a xaropada, as duas substâncias acabam sempre por se separar e o azeite — o socialismo libertário — acaba ficando sempre por cima.

Por outro lado, nunca poupou os políticos que se misturavam entre as classes trabalhadoras, desviando-as, não importa se de má ou boa fé, das suas reivindicações pela ação direta. Haja vista, por exemplo, quando enfrentou Mauricio de Lacerda, tribuno de inegável talento, quando este apareceu nos sindicatos de São Paulo em propaganda política, levando-o de vencida. Mau grado o prestígio fanático de que tal

(Continua na 4ª pag.)

## Notícias anárquicas

1 — Em Civitavecchia, Itália, desabou um edifício dos muitos que exigem restauração imediata. Das ruínas tiraram-se nove cadáveres e seis pessoas gravemente feridas. Arrou-se uma procissão de protesto. Várias famílias, vendo o destróço, apavoradas com possíveis repetições do desastre saíram à rua e todos juntos foram buscar onde achar abrigo para os desalojados. Invadiram, por falta de melhor, o edifício do *Uomo Qualunque* e nele instalaram as famílias.

Um dos empregados atreveu-se a querer chamar os carabineiros, mas desistiu com alguns sopapos bem aplicados.

2 — Realizou-se, nos dias 16, 17, 18, 19 e 20 de março, em Bolonha, o congresso da Federação Anarquista Italiana. Todos os anarquistas do mundo, especialmente os militantes de Itália, esperam muitíssimo desse congresso para o agigantamento e solidificação do anarquismo na península. Dado o assombroso movimento anarquista da Itália após a guerra, é de extraordinária importância a reafirmação dos princípios, métodos e fins do anarquismo. O congresso, temos certeza, vai ser um despertar de consciências, um clarinante apelo ao proletariado italiano e mundial ainda iludidos com os partidos políticos, com a Igreja, com a burguesia conservadora e salafária.

*Ação Direta*, que enviou sua saudação anárquica aos valentes companheiros italianos, aguarda as decisões do congresso para transmiti-las aos seus leitores.

3 — A ofensiva popular na Itália contra a Igreja é constante e intensa. Eis alguns fatos assinalados queixosamente por um jornal clerical romano *Rabarbaro* e citado em *Adunata* (15-2-47):

«Em Fabriano agridem e ensanguentam uma mulher que não quis gritar: *morra o papa!*; em Livorno recebem a pedradas um cortejo de peregrinos; em Montefollonico agridem uma procissão e tratam mal o bispo; em Picelli esfaqueiam o pároco que não quer manifestos anticlericais afixados à porta da igreja; em Bolonha, despojam e derrubam os frades; em Ferrara, despejam metralha numa procissão e... fi-

nalmente (a sériezinha poderia continuar!) — espancam na Emília central uns vinte padres em vinte meses».

Atos reprováveis, sem dúvida, mas que significam a revolta popular contra os grandes malefícios do clero por toda a Itália. O povo italiano sabe o grau de exploração exercida pelo Vaticano e sua tropa; sabe que o Vaticano in-tiga o governo às repressões contra liberais, republicanos, guerrilheiros, anarquistas e trama acesamente, com os monarquistas, o regresso da casa de Saboia, odiadíssima; sabe, acima de tudo, que foram os padres e católicos os maiores sustentadores de Mussolini, os mais encanizados fascistas durante duas décadas infames. Sabem tudo isso e desforram-se a seu modo.

Pena é que não expropriem terras, igrejas e outros imóveis a tão contumazes parasitas. Mas... para lá vamos!

4. Lenos em *Il Libertário* (5-2-47):

Veremos em breve refflorir o *manganelo* (porrete), mas, desta vez, não será fascista, será católico, apostólico, romano e o grito preferido já não será *du-ce! du-ce!* mas *Pa-pa! Pa-pa!*

Mobilizada a convite do *Giornale di Brescia*, a população clerical desta cidade assistiu, aos 19 de janeiro findo, à missa e predica contra o inundante anticlericalismo. Os padres, não contentes com isso, organizaram demonstrações em praça. Um forte grupo, capitaneado pelo frade Paolo Dusim desde a praça Vescovado, fez um comício nas escadarias do Teatro Grande no *corso Zanardelli*, encerrando com o grito: *Viva o Papa!*, rítmicamente escandido por seus sequazes.

Mau grado o pouco público presente, alguém respondeu ao viva: «*Viva a liberdade!* Então, como nos lindos tempos fascistas, os anjos clericais caíram de sócos no incauto cidadão que, metralhado de punhos clericais, seria, ademais, preso pelos complacentes carabineiros de Alcides, se algum generoso cidadão não se insurgisse contra essa outra inqualificável arrogância.

Sem comentários

S. Avigni

## Juventude Spartacus do Rio de Janeiro

Em assembléia de 3 de Abril de 1947, nesta cidade, foi fundada a Juventude SPARTACUS do Rio de Janeiro com os seguintes estatutos:

### JUVENTUDE SPARTACUS DO RIO DE JANEIRO

#### PRINCIPIO E FINALIDADES:

1º — A J. S. R. J. foi fundada em 3 de abril de 1947, por uma assembléia de jovens na cidade do Rio de Janeiro.

2º — De lá poderão fazer parte todos os jovens (de ambos os sexos) que estejam de acordo com os seus princípios e finalidades.

3º — A J. S. R. J. não concede títulos honoríficos ou hierárquicos a nenhum de seus membros e mantém-se à margem da política partidária.

4º — As atividades da J. S. R. J. serão de caráter cultural, social, artístico e recreativo; para isso, promoverá conferências, estudos, palestras, festivais e piqueniques, e organizará seu secretariado composto de um tesoureiro, um secretário de atas, um correspondente, um bibliotecário, uma comissão de imprensa e uma comissão de propaganda.

5º — A J. S. R. J. tem por fim despertar, na Juventude, o interesse pelo estudo das questões sociais; mantê-la, com grande empenho, no conhecimento e debate dos problemas sociais que afligem a Humanidade; conduzi-la à concepção de uma organização social em que «todos trabalhem segundo suas forças e recebam segundo, suas necessidades»; propagar a educação, livre de quaisquer preconceitos; repudiar qualquer distinção social baseada em classes, castas, raças, cor, nacionalidade; isentar-se de qualquer crença religiosa, considerando todos absolutamente iguais como cidadãos por mais que diferam como pessoas; desenvolver a fraternidade e união da Juventude, em todos os âmbitos da atividade social.

#### ORIENTAÇÃO:

6º — Afim de realizar os seus projetos, a Juventude SPARTACUS do Rio de Janeiro tem a seguinte orientação:

a) promover, todas as semanas, em sua sede ou em lugar previamente estabelecido, uma sessão ordinária, à qual deverão comparecer todos os membros, ficando livre o comparecimento dos simpatizantes;

b) promover, trimestralmente ou mensalmente, a realização de conferências

de interesse humano realizadas por especialistas no assunto;

c) organizar, anualmente, uma festa de propaganda, com músicos, cantores, declamadores ou dançarinos de valor;

d) diligenciar piqueniques e excursões dominicais, sempre que possível;

e) tratar da distribuição ou venda de boletins, folhetos e livros que esclareçam ou desenvolvam a compreensão dos problemas sociais ou filosóficos;

f) manter intercâmbio cultural com sociedades, nacionais ou estrangeiras;

g) estabelecer para o futuro a criação dum curso de língua vernácula ou estrangeira;

h) criar e manter a publicação de um jornal mensal ou quinzenal de orientação libertária que seja órgão da J. S. R. J.

i) formar uma editorial denominada Juventude Spartacus;

j) fomentar a criação de organizações similares em em todo território brasileiro;

k) criar e manter biblioteca.

#### DISPOSIÇÕES GERAIS:

7º — Para desenvolvimento de sua obra, a J. S. R. J. propõe que cada membro contribua com uma quota mensal por ele mesmo estabelecida. Essa economia será depositada em caixa ou banco no nome de três membros escolhidos pela maioria.

8º — Os donativos ou bônus que, por acaso, sejam endereçados à J. S. R. J. deverão igualmente ser depositados em caixa ou banco.

9º — Em todas as sessões ordinárias, os presentes deverão ser informados de quanto se possui em caixa e das despesas havidas.

10º — A J. S. R. J. funcionará enquanto reunir 10 (dez) membros em atividade e tiver renda suficiente.

11º — Em caso de dissolução os bens da J. S. R. J. terão o destino deliberado em última assembléia.

Endereço: Caixa Postal.

### A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

(Continuação da 2ª pag.)  
nau com a traição miserável dos bolchevistas após a derrota de Wrangel. Os déspotas bolchevistas desrespeitando, como sempre, um geral acordo, metralharam das alturas do istmo de Perekop, o exército ucraniano que regressava vitorioso pela estreita faixa entre a montanha e o mar.

Foi destruída a ferro e fogo essa obra revolucionária de alta envergadura pelos fanáticos autoritários, dominados nessa época por Trotsky e seus infames ássclas.

FIM

## FLORENTINO DE CARVALHO

(Continuação da 3ª pag.)

político gozava entre as massas — infelizmente este é bem o termo... —, Florentino de Carvalho não teve receio de enfrentá-lo. Pelo contrário, e por isso mesmo, o enfrentou, pois o momento era oportuno. Como disse, levou-o de vinda e Mauricio de Lacerda tomou uma atitude de queixosa defesa. Mas Florentino disso não se vangloriava e sim punha as mãos na cabeça, deseperado. Como se poderia explicar e justificar que uma grande parte das classes trabalhadoras caísse de vairada nos braços dos políticos, precisamente numa altura em que os sindicatos eram livres, através dos quais se demonstrava aos trabalhadores que só pela ação direta eles conquistariam as suas reivindicações e disso já tinham provas suficientes?

No entanto, atitude de Florentino de Carvalho para com Mauricio de Lacerda, valeu-lhe, como se trate-se de uma questão pessoal, não apenas a incompreensão, mas a antipatia e até a maledicência de alguns camaradas incautos. No terreno dos princípios, Florentino não era homem de rivalidades pessoais e sua intransigência, se este é o termo adequado, era devida às suas observações de como vinham sendo funestas às classes trabalhadoras as intromissões dos políticos em seu seio, não apenas por aqui, mas em todo o mundo.

Uma das qualidades que mais me atraiu para Florentino foi a sua sólida cultura geral, principalmente no domínio da ciência e da filosofia. Procurava-o para com ele trocar idéias sobre algumas de minhas dúvidas e inquietudes de ordem intelectual e sempre voltava com alguns comentários. Falava pouco, como que para reservar a pouca energia que possuía, para suas conferências: tudo estava, no entanto, em vir a encontrá-lo livre da dispepsia. Respondia-nos de modo

### A individualidade

consciente

(Continuação da 1ª pag.)

isso? Minha resposta é: o falso princípio de nossa educação. Na escola, nunca se educou uma individualidade consciente, isto é, um *anarquista*.

Germinal

## Sub-Delegação da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol no Brasil Contra o terror Franco-falangista na Espanha

Militantes da C. N. T. e da Federação Anarquista Iberica condenados à morte pela «Justiça de Franco».

Em carta urgente enviada a esta sub-delegação o Comitê Nacional da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol comunica que foram presos e estão com as vidas em perigo os seguintes militantes da organização confederal e anarquista, todos eles pertencentes à Regional Basca. *Amador Franco, Antonio Lopez, Justo Olagaste, Pedro Olagaste, Gregorio Olagaste, Manuel Olagaste e Francisco Zabala*.

Diz a nota do Comitê Nacional que Amador Franco já foi condenado à mor-

te e a execução foi marcada para o dia 30 do corrente mês de abril. Identica sorte aguarda os seus camaradas de prisão.

Urge que todos os anarquistas do Brasil e os homens de consciência livre e honrada elevem a sua voz de protesto contra estes crimes abomináveis que constituem um verdadeiro insulto aos próprios sentimentos humanos.

Rio de Janeiro abril de 1947.

Pela sub-delegação da C. N. T. e do Movimento Libertário Espanhol do Brasil.

O Secretário.

Manoel Perez

discreto que nunca sabíamos até onde ia a sua cultura, nem ele ficava sabendo da ignorância do seu interlocutor.

— E Nietzsche, que é que o camarada me diz de Nietzsche?

— Muito fogueiteiro; mas tem muitas coisas boas e outras más. Nietzsche foi discípulo de Stürner, até certo ponto, é claro. Stürner, porém, foi mais profundo e, talvez por isso, está quase esquecido. Em algumas de suas obras, como por exemplo em «Assim falava Zaratustra», Nietzsche tem um estilo suave, lírico, e, eu creio que por isso é que ele é tão lido. É sobretudo por ser tão fogueiteiro.

Eu disse — prossegue Florentino de Carvalho — que em Nietzsche há muitas coisas boas e outras más, e, sob certo ponto de vista, pode ser comparado com Marx. Em Nietzsche e em Marx há um pouco de tudo, como a Bíblia: desde afirmações francamente libertárias que podem ser aceitas pelos anarquistas, a outras que se prestam para a defesa do mais feroz despotismo.

Florentino de Carvalho conhecia muitos dos grandes autores, o bastante para não se deixar tomar de exagerada admiração a este ou aquele. Mas dos que mais tinha em conta, destacava-se, entre os filósofos materialistas, Luís Buchner. Todas as especulações que se fizeram, segundo as quais, Buchner, com a frase «força e matéria», havia criado uma nova concepção dualística, não passavam de sofismas, para Florentino de Carvalho.

Tal dualismo era apenas aparente, não passava de uma simples questão de palavras, nada tendo de comum com o dualismo teológico ou metafísico. E a obra «Força e Matéria» ainda era das melhores, se não a melhor, da filosofia materialista contemporânea.

Florentino de Carvalho deixou alguns livros publicados. Entre os seus originais possuía alguns que pretendia publicar com o título de «Síntese de uma Filosofia Anarquista»; mas, desde muito tempo, tinham sido apreendidos pela polícia e não mais lhe foram devolvidos. Disse-me que era o que de melhor tinha produzido e como eu o incitasse a que se tomasse de coragem e recomencesse a tarefa, respondeu-me que não se sentia com forças para tanto.

## UM LIVRO DE NETLAU

Comunica-nos a *Guilda de amigos del libro*, de Toulouse que, dentro em pouco sairá o livro de Max Netlau *Socialismo Autoritário y Socialismo Libertário*. Os interessados dirijam-se a *Ação Direta* rua Buenos Aires 147 A, 2º para reservar exemplares, pois virão apenas cinquenta.

Se desea saber el paradero de José Mirallas y Moll que se encontraba em Tunes Ben-Araus, A'frica del Norte el ano 1946.

Pregunta por ello el companero I. Carrión que se encuentra en Buenos Aires (Rep. Argentina), Hogar del Marino, calle Gaboto 1350. Capital.